

Estruturas monticulares antigas na fronteira Sul do concelho do Sabugal¹

João Carlos Caninas, Francisco Henriques, Álvaro Batista, Mário Monteiro,
Mário Chambino, Fernando Robles Henriques, Alexandre Canha e Luís Carvalho²

Introdução

A elaboração de estudos de impacto ambiental de projectos eólicos proporcionou a descoberta de novos *tumuli* no concelho do Sabugal. Os trabalhos em questão, um dos quais sito na Serra do Homem de Pedra e o outro na Serra das Mezas, já na fronteira do concelho com Espanha, foram executados pelos signatários respectivamente em 2005 e 2007.

O escasso número de estruturas funerárias pré-históricas, conhecidas e/ou conservadas, neste concelho (Vv Aa, 2008), evidenciadas por construções monticulares, com ou sem contentores ortostáticos, vulgarmente associadas ao conceito de megalitismo, suscitou o interesse na divulgação destes novos achados.

De facto, dos monumentos megalíticos referenciados no inventário que integra o catálogo do Museu do Sabugal (Vv Aa, 2008)³, situados principalmente na parte Nordeste do concelho, o exemplar melhor conservado é o *dólmen* de Sacaparte, restos de uma câmara funerária já sem mamoa.

¹ O convite que nos foi dirigido pelo arqueólogo Marcos Osório, para escrever sobre o tema, mereceu imediata aceitação, motivada, principalmente, pelo apreço que nos merece o labor, empenhado e competente, deste colega no concelho do Sabugal.

² Arqueólogos, membros ou colaboradores da Associação de Estudos do Alto Tejo, www.altotejo.org

³ Os dois conjuntos que se apresentam estão cartografados naquele catálogo respectivamente no mapa da Pré-História (núcleo da Serra das Mezas) e da Proto-História (conjunto das Casinhas).

Sobre os novos achados faremos uma descrição sumária de dois conjuntos de *tumuli*, ambos situados na fronteira sul, com o concelho de Penamacor (conjunto das Casinhas) e com Espanha (núcleo de Serra das Mezas).

Seguir-se-á breve panorama das recentes descobertas de *tumuli* no Centro e Interior de Portugal, ocorrendo em geral em altitudes elevadas. A maioria destes achados também resultou da execução de estudos de impacte ambiental⁴ de projectos eólicos.

Os *tumuli* das Casinhas e da Serra das Mezas⁵

Na escolha da nomenclatura aplicável focou-se a atenção numa característica que nos parece dominante nos rituais funerários da Pré-História Recente, em estruturas de superfície. Trata-se do recurso a construções monticulares, de geometria circular, para envolvimento de contentores funerários. É deste modo que preferimos tipificá-las como estruturas monticulares ou, simplesmente, como *tumuli*. Com esta atribuição tipológica presume-se, por analogia, a sua funcionalidade funerária e uma antiguidade pré-histórica (e proto-histórica), embora não demonstradas.

Esta solução arquitectónica comporta elevada diversidade nas características morfo-estruturais⁶ e nos significados cronológico-culturais, no tempo longo da sua vigência. Tais variações observam-se nas dimensões do montículo, na sua estrutura (litologias utilizadas e sua organização) e no ritual, evidenciado desde logo pelo tipo de contentor utilizado (câmara simples, fechada ou aberta, câmara-corredor-átrio, cista, urna e/ou fossa), com expressão cronológica, desde o Neolítico até ao final Idade da Idade do Bronze, ou seja antes e depois do fenómeno megalítico.

Por outro lado, a pervivência da forma circular (na realidade é irregularmente circular ou sub-circular) poderá pressupor um fenómeno de continuidade com inovação cultural, ao nível ritual, e uma tradição baseada na carga simbólica do círculo⁷.

Os dois conjuntos em apreço (Figuras 1 e 2), o de Casinhas e o da Serra das Mezas, situam-se no limite da bacia do rio Côa, na fronteira entre as bacias hidrográficas, mais vastas, dos rios Tejo e Douro. Os relevos onde se implantam, que têm continuidade para leste, em direcção ao Centro da Meseta, estão separados da Cordilheira Central, portuguesa, por um corredor natural, de enorme relevância nos movimentos humanos de trânsito entre o planalto beirão e a bacia do Tejo, ou seja entre o Norte e o Sul da Beira Interior (Vilaça, 1995).

No concelho do Sabugal também se detectaram vestígios de outros montículos nos sítios de Ferrarias e Seixal, de que se dá notícia neste texto.

⁴ E estudos de incidências ambientais.

⁵ Por razões de segurança e em sintonia com as orientações do instituto de tutela não se indicam as localizações dos sítios arqueológicos referidos neste texto.

⁶ Documentada na Serra Vermelha (Caninas *et al*, 2008a, 200b), para citar uma área de estudo próxima do Sabugal.

⁷ Importa registar outro aspecto relativo à prevalência desta forma. Nas Idades do Bronze e do Ferro, tanto no Sul como no Centro de Portugal, continuam a ocorrer arquitecturas funerárias de base circular, mas de configuração planar, dada a ausência de sobre-elevação monticular. São os casos das necrópoles de cistas do Bronze I de Sudoeste, tipo Atalaia, no concelho de Ourique (v. por exemplo Correia, 2002), da sepultura 2 do Talho do Chaparrinho (citada em Cardoso, 2002, p. 328, a partir dos trabalhos de A. Monge Soares), em Serpa, ou do monumento 1 sito na portela da Fonte da Malga (Kalb & Hock, 1982), em Viseu (esta estrutura de forma sub-circular, planar, com cista central, integra um conjunto sepulturas do mesmo tipo e outras de configuração monticular, mais antigas).

De momento, e na ausência de escavações arqueológicas ou de artefactos colectados no local, não temos dados objectivos acerca da funcionalidade e da cronologia destas estruturas, embora se possa admitir, por analogia, a inserção do núcleo de Mezas no Neolítico e do conjunto das Casinhas numa etapa mais tardia, *algures* na Idade do Bronze.

O sítio das Casinhas⁸ incide numa linha de cumeada que faz fronteira entre os concelhos de Sabugal e Penamacor, balizada entre as Ferrarias e o vértice geodésico Queima Ferro⁹. Cerca de 2km a leste situa-se a aldeia da Malcata e a 3km para Sudoeste a de Meimão¹⁰.

A posição topográfica deste sítio, com altitude superior a 800m, tem a particularidade de acompanhar o rebordo Nordeste de um vale profundo e muito encaixado, onde corre a ribeira do Arrebentão e em cuja margem se situa Meimão (cerca de 600m de altitude). A linha de cumeada corresponde além disso à fronteira entre as bacias do Tejo e do Douro, neste último caso através da sub-bacia do Côa.

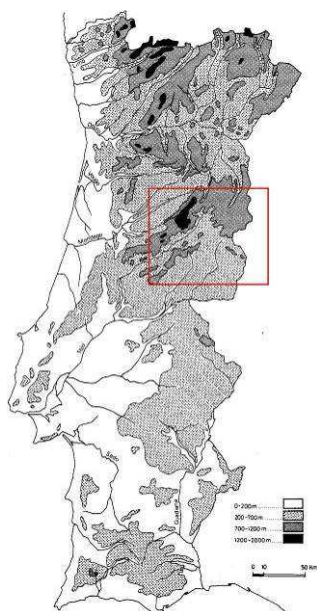


Figura 1. Localização da área de estudo em carta hipsométrica do território continental (adaptado de Alarcão, 1988).

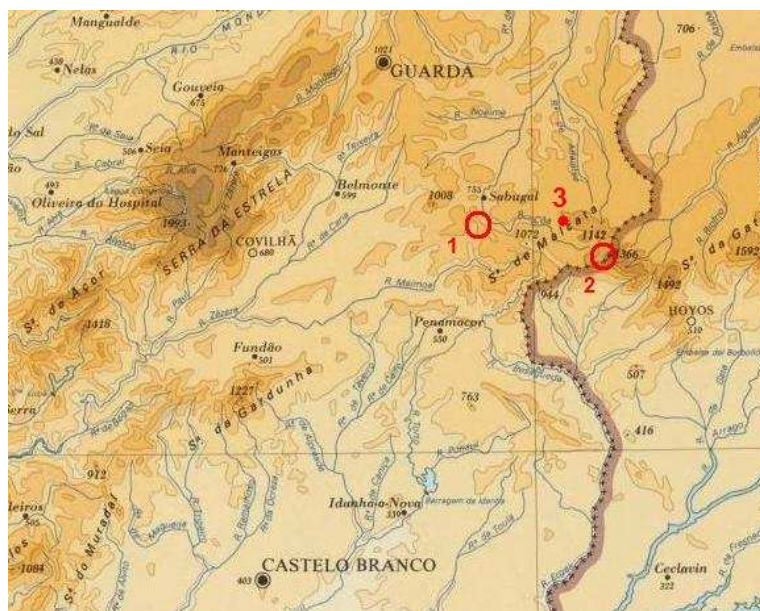


Figura 2. Localização dos *tumuli* de Casinhas e Ferrarias (1), da Serra das Mezas (2) e do Seixal (3), em extracto da Carta Hipsométrica de Portugal (Instituto Geográfico e Cadastral).

A identificação de nove estruturas monticulares¹¹ neste sítio ocorreu no âmbito da prospecção arqueológica do corredor de estudo da ligação eléctrica aérea do Parque Eólico de Sabugal à Subestação de Penamacor (Caninas *et al*, 2005). Em fase de avaliação posterior, o traçado daquela ligação eléctrica foi alterado, com deslocamento para Norte deste local.

⁸ Este microtopónimo foi obtido por via oral. Já fora identificada a associação do nome *Casinha(s)* com *tumuli* (Arouca, Fafe e Viseu) e de *Casa da Moura* com câmaras dolménicas.

⁹ Este nome foi copiado de um local situado cerca de 2Km a Sul, no fundo de um vale.

¹⁰ É sugestiva a associação deste topónimo, Meimão, e de um outro, situado também no concelho de Penamacor, Meimoa, com a ocorrência de *tumuli* (mamoas).

¹¹ Estes sítios estão registados na base de dados de sítios arqueológicos do IGESPAR com os seguintes códigos (CNS): 21911; 21912; 21913; 21914; 21915; 21916; 21917; 21918; 21919.

Aquando da sua descoberta, arqueológica, alguns monumentos já se encontravam muito afectados, um deles (no lado de Sabugal) fora seccionado pelo caminho de cumeada e dois outros (no lado de Penamacor), supostamente os de maiores dimensões, foram arrasados no decurso de uma recente limpeza do terreno. Após a sua revelação às entidades competentes, e a respectiva inscrição em inventário nacional, os monumentos foram profundamente afectados no decurso da construção de um parque eólico licenciado naquele local.

As descrições seguintes (antecedidas pelo topónimo, pelo número de ordem convencionado e pela inserção concelhia) têm como fonte de informação o Relatório sectorial, elaborado no âmbito do estudo de impacte ambiental do Parque Eólico de Sabugal¹² e correspondem ao seu estado de conservação em 2005. As estruturas em apreço são idênticas, ao nível dos materiais utilizados na sua construção, integrando, de um modo geral, clastos de xisto-grauvaque, de quartzo leitoso e de granito, além de terra. Alguns elementos líticos apresentam-se muito rolados e podem ser provenientes de uma linha de água ou de antigas coberturas detríticas.

Casinhãs (Penamacor). Montículo baixo assinalado por mancha regular de lajes de xisto e escassos blocos de quartzo leitoso (Figura 3).

Casinhãs 1 (Penamacor). Montículo com 9m de diâmetro, bem destacado acima do solo devido à recente limpeza do terreno, constituído por clastos de xisto-grauvaque, quartzo leitoso e granito, estes em menor quantidade. Tem configuração sub-circular e depressão central correspondente ao contentor funerário (Figura 4).

Casinhãs 2 (Penamacor). Pequeno *tumulus*, muito baixo, com cerca de 5m de diâmetro, parcialmente amputado no lado oriental pelo caminho actual. A estrutura, em terra, integra clastos de xisto-grauvaque, quartzo leitoso e granito, estes em menor quantidade (Figura 5).

Casinhãs 3 (Sabugal). *Tumulus*, baixo, com cerca de 9m de diâmetro (dimensão medida segundo direcção paralela ao caminho), parcialmente amputado no lado ocidental pelo caminho actual (a dimensão perpendicular ao caminho, é de cerca de 6 metros). A constituição do montículo e a sua sobrelevação é bem evidente no talude do caminho. É constituído por clastos de xisto-grauvaque, quartzo leitoso e granito (Figura 6).

Casinhãs 4 e 5 (Sabugal). Dois *tumuli* coalescentes, bem destacados acima do solo, respectivamente com 13m e 8,5m de diâmetro. Estão envolvidos por densa vegetação arbustiva. Os figurantes assinalam os centros dos monumentos (Figura 7).

Casinhãs 6 (Penamacor). Destroços de um monumento que segundo informante local seria de maiores dimensões que os anteriores e que por esse motivo teria sido arrasado para nivelar o terreno aquando de recente desmatização. O montículo terá sido espalhado e empurrado por máquina agrícola. A observação dos destroços permite supor que tivesse cerca de 8,5m de diâmetro (dimensão atribuível a hipotético anel de contenção). Era constituído pela mesma diversidade de litologias mencionadas nos casos anteriores (Figura 8).

Casinhãs 7 (Penamacor). Destroços de um outro monumento também arrasado aquando do nivelamento do terreno. Os materiais utilizados na sua construção foram espalhados e empurrados por máquina agrícola numa extensão significativa, segundo direcção paralela ao caminho. Não é possível determinar a sua dimensão e localização rigorosa. Teria constituição idêntica à dos restantes montículos acusando diversidade de litologias como se pode avaliar pela observação dos destroços (Figura 9).

¹² Aprovado pelo Instituto Português de Arqueologia em 2005.



Figura 3. Casinhas



Figura 4. Casinhas 1



Figura 5. Casinhas 2



Figura 6. Casinhas 3



Figura 7. Casinhas 4 e 5



Figura 8. Casinhas 6



Figura 9. Casinhas 7



Figura 10. Casinhas 8

Casinhas 8 (Sabugal). Destroços de um pequeno montículo, evidenciado por concentração de clastos de xisto-grauvaque e de quartzo leitoso, destruído por lavra associada a plantio de pinhal. Poderia ter cerca de 3m de diâmetro (Figura 10).

Exceptuando duas estruturas situadas em posições extremas (*Casinhas*, a Sudoeste, e *Casinhas 8*, a Norte), a maioria dos *tumuli* formava um núcleo denso, ou necrópole, com estruturas muito próximas, quase coalescentes, de idêntica constituição embora com diferentes diâmetros.

As sete estruturas do núcleo central, de *Casinhas 1* a *Casinhas 7*, situam-se de ambos os lados do caminho actual. Junto deste, mais a Sul, e com idêntica orientação, detectaram-se dois troços de sulcos, *impressos* no substrato rochoso, correspondentes a um antigo caminho de carroças¹³.

Em *Ferrarias*¹⁴ (Caninas, Henriques & Chambino, 2007a), que fica na mesma linha de cumeeada das *Casinhas*, foram identificadas, em 2007, cinco pequenas manchas de dispersão de quartzo leitoso e de placas de xisto (Figura 11), de pequenas dimensões, com cerca 3m de comprimento e espalhamento linear. Esta configuração pode dever-se à abertura de valas-cômodo por maquinaria pesada, que revolveu profundamente o solo-subsolo. Estas concentrações, de quartzo leitoso e xisto-grauvaque, bem demarcadas no terreno, podem ter correspondido a pequenos *tumuli*, sugestivamente posicionados ao lado de um antigo caminho (Figura 12)¹⁵. Não se detectou espólio arqueológico.

A Serra das Mezas¹⁶, também denominada em documentação antiga como Cabeça das Naves Molhadas (Moreno, 2003), é um destacado relevo situado a leste da Malcata, fazendo fronteira entre Portugal e Espanha no território da freguesia de Fóios (Sabugal). Tem a nascente do rio Côa na vertente Norte. A linha de relevo, que se prolonga para leste na Serra da Gata, determina mais uma vez, a separação de águas que drenam para Norte, em direcção ao Douro, e para Sul, ao encontro do Tejo. Junto do Cancho Só, numa pronunciada portela, sobre a fronteira entre os dois países, observa-se um caminho de pé-posto, antiga rota de contrabando ou de fuga, onde o infortúnio de alguns dos que por aqui passaram está assinalado por dois cruzeiros.

Os dois monumentos referenciados neste local formam um núcleo e foram identificadas no decurso do estudo de impacte ambiental dos Parques Eólicos de Mezas, Fóios e Monte Vermelho (Henriques *et al.*, 2008). Situam-se acima de 1000 de altitude, numa portela mais elevada que a anterior, junto de um outro antigo caminho de pé-posto e estão envolvidos por giestal.

Serras das Mezas 1. Mamoa de configuração sub-circular, com cerca de 11m de diâmetro, apresentando uma couraça pétreia formada por calhaus de granito bem compactados com terra (Figura 13). Tem cratera central com cerca de 3m de diâmetro por 0,60m de profundidade, onde se observam alguns esteios.

Serra das Mezas 2. Mamoa também de configuração sub-circular e cerca de 11m de diâmetro, constituída por calhaus de granito bem compactados com terra. Observa-se anel lítico no centro da mamoa, formado por pequenos esteios de granito. Apresenta pequeno abatimento na zona central.

A estrutura identificada no *Seixal*¹⁷ (Henriques *et al.*, 2006), no sopé do Cabeço Melhano/Serra do Homem de Pedra, é um montículo evidenciado por uma sobreelevação no terreno, com cerca de

¹³ Segundo informação recente estes vestígios também foram afectados pela obra do parque eólico ali construído.

¹⁴ CNS 30491 (base de dados do IGESPAR).

¹⁵ Esta associação tem sido identificada noutras áreas prospectadas pelos signatários (Caninas *et al.*, 2008^a, 2008^b).

¹⁶ Nome do vértice geodésico situado em território espanhol a 1259 m de altitude.

¹⁷ CNS 26766 (base de dados do IGESPAR).

10m de diâmetro, coincidente com uma concentração de blocos de quartzo leitoso, de granito e de pequenas lajes de xisto (Figura 14). O montículo denota deformação ou espalhamento no sentido das lavras (direcção NO-SE) e no lado SO foi cortado pela passagem de um caminho. Encontra-se alinhado com um filão de quartzo que ali aflora e se prolonga para Sul.

Os padrões de distribuições deste *tumuli* têm correspondência num dos conjuntos funerários regionais melhor caracterizados na Beira Interior, o do Tejo internacional. A concentração de Casinhas pode confrontar-se com a necrópole do Amieiro, em Idanha-a-Nova (Cardoso, Caninas & Henriques, 2003), e o núcleo da Serra das Mezas encaixa no padrão dominante na região do Rosmaninhal que é caracterizado pela dispersão em núcleos de dois ou três monumentos (Henriques, Caninas & Chambino, 1993).

Para uma aproximação ao contexto cultural destes achados, conhecem-se, em território português, importantes ocorrências arqueológicas na zona envolvente, tanto a Norte como a Sul da linha de alturas onde se inscrevem os *tumuli* de Casinhas e Serra das Mezas.



Figura 11. Ferrarias

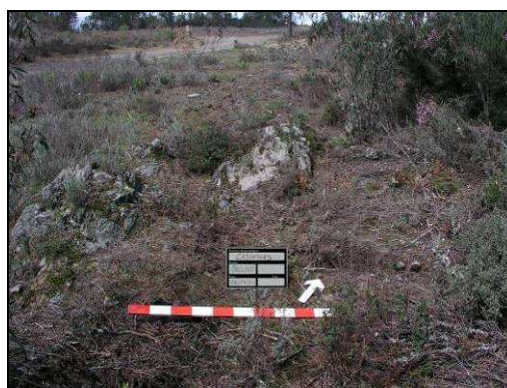


Figura 12. Via fóssil



Figura 13. Serra das Mezas 1



Figura 14. Tumulus do Seixal

Na vizinhança de Casinhas deve referir-se a área de Alísios e Vale das Torres, nos relevos sobranceiros à ribeira da Meimoa, no concelho de Penamacor, onde foram identificados (Fernandes, Carvalho & Julião, s/d; Rei, 1996) vestígios de *habitat*, uma estela da Idade do Bronze (Meimão), achados dispersos de mós manuais e montículos artificiais (constituídos por quartzo leitoso), também presumidamente relacionados com ritos funerários pré-históricos.

No que respeita ao núcleo da Serra das Mezas, os dados conhecidos no lado português, imediatamente a Norte, entre Aldeia Velha e Fóios, nomeadamente, sítios de *habitat*, espaços muralhados¹⁸ e estelas (Idade do Bronze) apontam para momentos posteriores à presumida vigência dos monumentos funerários que descrevemos.

Afinal, que histórias nos podem contar os *tumuli* apresentados?¹⁹ Só o poderemos saber se for garantida a sua conservação e empreendido o seu estudo. Infelizmente, no caso das Casinhas esse objectivo está irremediavelmente, e desnecessariamente, comprometido, por motivações que ainda se desconhecem.

***Tumuli* na Cordilheira Central**

As sepulturas ditas megalíticas são, talvez, os monumentos mais impressionantes da Pré-História Recente da Europa Ocidental e muito particularmente de Portugal Continental, dada a sua vasta representatividade. E estão, certamente, entre as mais antigas obras arquitectónicas que se conservam no território português.

A Beira Interior (distritos de Castelo Branco e Guarda), demarcação territorial adoptada por alguns autores, na qual se insere o concelho do Sabugal, não sendo uma das regiões de Portugal continental com maior quantidade de monumentos deste tipo, quando comparada²⁰ com o distrito de Viseu e com o Alentejo Central e Norte (distritos de Évora e Portalegre), oferece uma elevada densidade de monumentos na sua parte meridional, na aproximação ao rio Tejo (Figura 15, área assinalada com o nº 13), e em particular nos concelhos de Idanha-a-Nova e Vila Velha de Ródão (Henriques, Caninas & Chambino, 1993, 2008), realidade com simetria na margem esquerda daquele rio, em Portugal e Espanha (Oliveira, 1998, 2000; Bueno *et al*, 2006).

O distrito de Castelo Branco também mereceu mais cedo a atenção dos arqueólogos e em particular do notável investigador regional que foi Francisco Tavares de Proença Júnior, autor da primeira Carta Arqueológica de âmbito distrital (Proença Jr, 1910). Esta pesquisa foi continuada entre os anos 50 e 70 do século passado, por Octávio da Veiga Ferreira e D. Fernando de Almeida e com maior intensidade a partir dos anos 80 até ao presente, pela Associação de Estudos do Alto Tejo, tanto ao nível do inventário extensivo (Henriques & Caninas, 2004; Henriques, Caninas & Cardoso, 1999), como da escavação arqueológica (Cardoso, Caninas & Henriques, 2003).

A Norte (distrito da Guarda), tendo em conta a menor representatividade estatística destas estruturas, e pese embora a existência de sítios referenciais como é o caso do dólmen de Carapito 1, todos os novos achados, como os apresentados, merecem uma especial atenção, diríamos mesmo, uma atenção estratégica, em abordagens destinadas a caracterizar o povoamento pré-histórico à escala regional.

Analisando a repartição territorial destas construções funerárias²¹, a impressão que se colhia, tal como já assinalámos, era que representavam uma realidade restrita às *terras baixas* do Centro

¹⁸ Com especial atenção para o enigmático recinto situado no extremo Noroeste da Serra do Homem de Pedra.

¹⁹ De momento, procurar responder às habituais perguntas sobre função e cronologia será como fazer omeletes sem partir os ovos.

²⁰ V. Leisner & Kalb, 1998.

²¹ Em especial com base nas prospecções efectuados no distrito de Castelo Branco pela Associação de Estudos do Alto Tejo.

Interior, seja em planaltos, em pene-planícies, em mesas detriticas, em cabeços baixos do soco antigo, e até em planícies aluviais.

Porém, tal visão encontra-se alterada em resultado, mais uma vez, dos achados arqueológicos proporcionados por projectos eólicos nas *terras altas* dessa mesma região e em particular na Cordilheira Central portuguesa, em zonas culminantes, tal como na Serra das Mezas. A Figura 15 documenta algumas²² ocorrências de *tumuli* naquele sistema montanhoso, entre Castelo Branco e Coimbra e mais a Sul já no Alto Ribatejo. No mesmo contexto de projecto acresce referir a descoberta de uma vasta rede de sítios com arte rupestre, esquemática, ao ar livre, entre a Serra do Açor e a Serra da Estrela (Jacinto, 2006; Centro Nacional de Arte Rupestre, Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica), onde as figuras podomórficas marcam uma presença destacada, a par das representações geométricas. Este potencial gráfico-simbólico expresso nos suportes xistentos do maciço central já se conhecia embora de forma dispersa, tanto a Norte como a Sul do rio Zêzere (Batata & Gaspar, 2000) e também foi reconhecido por nós em Oleiros (Caninas *et al*, 2008^a, 2008b).

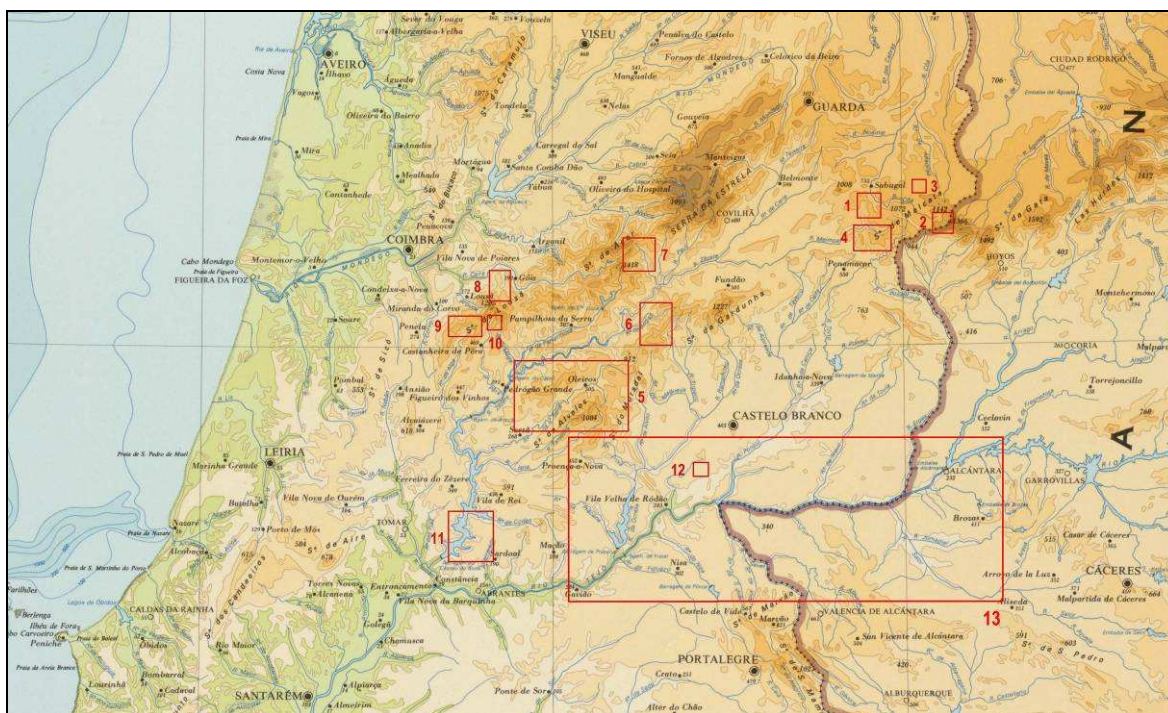


Figura 15. Localização dos núcleos de *tumuli* de Casinhas e Ferrarias / Penamacor e Sabugal (1), Serra das Mezas / Sabugal (2), Seixal – Serra do Homem de Pedra / Sabugal (3) Serra dos Concelhos - Serra da Malcata / Penamacor (4), Serra Vermelha e Serra de Alvêlos / Oleiros(5), Lomba do Castelo e Descoberto – Serra da Gardunha / Fundão (6) Lomba do Sobral – Serra do Açor / Covilhã (7), Aigra – Serra da Lousã / Góis (8), Terrasteiras - Serra da Lousã / Miranda do Corvo e Figueiró dos Vinhos (9), Saíra – Serra da Lousã / Castanheira de Pera (10); Abrantes – Zêzere (11), Mulato / Vila Velha de Ródão (12) e região envolvente do Alto Tejo português e Tejo internacional (13), em extracto da Carta Hipsométrica de Portugal (Instituto Geográfico e Cadastral).

²² As fontes de informação utilizadas correspondem aos trabalhos dos signatários e respectivos relatórios, a algumas publicações disponíveis, à consulta da base de dados de sítios arqueológicos do IGESPAR e aos contactos estabelecidos com as extensões de Pombal e da Beira Interior do mesmo Instituto. Admite-se, por isso, que o grau de conhecimento sobre a existência de *tumuli* na Cordilheira Central seja superior ao indicado, em resultado dos trabalhos de outros colegas.

Entre os locais representados naquela figura importa distinguir um caso de génese anterior. Referimo-nos à identificação de pequenos montículos no interior da Reserva Natural da Serra da Malcata (Fernandes, Carvalho & Julião, s/d) e concretamente na outrora denominada Serra dos Concelhos (Moreno, 2003). São ali assinaladas quatro mamoadas constituídas predominantemente por blocos de quartzo e quartzito (Figura 15, nº 4). Situam-se em pontos elevados, entre 750m e 960m de altitude. Estas ocorrências partilham com o conjunto de Casinhas idêntica topografia.

Das áreas assinaladas na Cordilheira Central, a mais significativa corresponde às serras Vermelha e de Alvélos (Figura 15, nº 5), a Sul do rio Zêzere, onde o Projecto Eólico do Pinhal Interior (Grupo GENERG) proporcionou a descoberta de várias dezenas de *tumuli* e a execução de intervenções arqueológicas em dois núcleos de monumentos (Caninas *et al.*, 2008a, 2008b). O conjunto ali identificado tem apreciável diversidade morfo-estrutural, ocorrendo mamoadas de terra, de maiores dimensões (cerca de 20m de diâmetro), e estruturas pétreas de xisto (Feiteiras), de quartzo (Cabeço do Seixo) ou mistas (quartzo e xisto), como é o caso de Selada do Cavalo, com diâmetros inferiores a 10m.

Para Nordeste, estas duas serras convergem uma cumeada longa, a Serra da Gardunha. Na zona do Zibreiro (Figura 15, nº 6), um destacado cabeço situado no circuito daquela serra, identificaram-se alguns montículos (Chaves, Caninas & Henriques, 2007), constituídos essencialmente por quartzo leitoso, na Lomba do Castelo (duas estruturas a 800m de altitude, com 12m e 3,6m de diâmetro) e no Descoberto (duas estruturas a 650m de altitude), sendo que um deles, o de maiores dimensões, poderá ter dado origem ao topónimo Castelo

A convite da Extensão da Beira Interior do IGESPAR, tivemos oportunidade de observar alguns montículos, ao longo de uma lomba que ascende à Serra do Açor, a partir de Sobral de São Miguel (Covilhã), entre 800m e 1000m de altitude. São constituídos essencialmente por quartzo leitoso e os seus diâmetros variam entre 3m e 11m (Figura 15, nº 7). Posicionam-se junto de uma antiga estrada de carroças. No percurso efectuado, aquando daquela visita, observaram-se diversas gravuras rupestres, de tipologia maioritariamente podomórfica.

A colaboração em estudos de impacte ambiental de diversos parques eólicos na Serra da Lousã (Caninas *et al.* 2001, 2002, 2007b; Cruz, 2003) proporcionaram a descoberta, desde 2001, de pequenos montículos em quartzo leitoso e xisto, nas zonas mais elevadas de vários concelhos serranos (Figura 15, nº 8, 9 e 10), a Norte (Aigra - Góis), a Sul (Safrã - Castanheira de Pera) e a Sudoeste (Terrasteiras - Figueiró dos Vinhos e Miranda do Corvo) do Castelo de Trevim, pontos culminante daquela serra. Iniciaram-se escavações num monumento situado no último concelho citado.

Mais para Sul, já fora da montanha, num sector situado entre o Zêzere, o Codes e o Tejo (Figura 15, nº 11) a descoberta (Batista & Gaspar, 2007) de um extenso conjunto de pequenos *tumuli*, com características distintas de todos os casos anteriormente citados, atenta a posição geomorfológica e a sua constituição (calhau rolado de quartzito), releva, mais uma vez, a existência, no centro de Portugal, de pequenas arquitecturas, não megalíticas, como boa parte das atrás mencionadas, até aqui insuspeitas e desconhecidas no registo arqueológico. Por contraste, é também esse o caso da dezena de pequenos *tumuli* descobertos em Vila Velha de Ródão (Figura 15, nº 12) no decurso da revisão da Carta Arqueológica municipal (Henriques, Caninas & Chambino, 2008) e sem paralelos locais.

Um aspecto constatado nestes locais, de forma quase sistemática, é a convergência, e até a contiguidade entre montículos e antigos caminhos de carroças, evidenciados por sulcos abertos no substrato geológico. Desta convergência espacial não se pode deduzir, de imediato, uma relação de

causalidade entre aquelas duas realidades. Mas pode colocar-se como hipótese de trabalho que os montículos ali tenham sido construídos por existirem caminhos antes deles.

Se a ocorrência das pequenas volumetrias monticulares surge como uma novidade nesta região, a sua existência no território português era já evidente, graças aos projectos de investigação de outros colegas, nas regiões de Viseu (Kalb & Hock, 1979; Cruz, Gomes & Carvalho, 1998; Cruz & Vilaça, 1999) e Aveiro (Silva, 1997).

Considerações finais

Uma particularidade das descobertas apresentadas reside no facto de revelarem uma nova *fronteira* na ocorrência de estruturas funerárias pré-históricas, nas *terras altas* de Portugal Central e especialmente nos cimos e contrafortes da Cordilheira Central.

Estes dados, em termos de repartição territorial, contribuem para completar o modelo proposto para o Tejo Internacional (Bueno *et al.*, 2006), com o qual poderemos, pelo menos, relacionar mais directamente o conjunto de *tumuli* da Serra Vermelha, esticando aquela abordagem entre dois extremos altimétricos da bacia do Tejo e levando as arquitecturas funerárias até aos pontos culminantes do sistema orográfico²³.

Outro aspecto que gostaríamos de salientar relaciona-se com as supostas *áreas marginais*, na linha da discussão de Primitiva Bueno e Rodrigo de Balbín a propósito da repartição da arte megalítica e das grafias rupestres na Península (Bueno & Balbín, 2000, 2003), e os *vazios*, que o são essencialmente pela ausência de investigação e de conhecimento.

De facto, como ficou evidenciado, tanto ao nível das estruturas funerárias como da chamada arte rupestre, as terras mais altas do Centro de Portugal, embora distantes e pouco acessíveis, integraram o território de antigas comunidades, mostrando-se repletas de marcas antigas de presença e de passagem. As possibilidades de estada humana, antiga, em região montanhosa, acima de 900 m de altitude, têm como exemplo paradigmático o achado de artefactos líticos de corte (machados) e de farinação (dormente de mó manual) em Vale de Ressim, na encosta norte da Serra da Estrela, a 1430 m de altitude (Cardoso & González, 2002)²⁴.

Porém, perante tal palimpsesto, deve salientar-se a lacuna de conhecimento em que se labora, quanto à função e à cronologia das estruturas em apreço, e que é inerente ao facto de não terem sido efectuadas escavações arqueológicas. Ao qualificarmos estas descobertas, baseados apenas em caracteres externos, e semelhanças morfoestruturais, podemos incorrer em erro. De facto, como diversos colegas já demonstraram, “nem sempre o que parece, é”. Referimo-nos às falsas analogias e àqueles casos em que “cistas” são afinal armadilhas de perdizes (Vilaça, Osório & Ferreira, 2004) ou caixas de cortiços (Henriques, *et al.*, 2000), e supostas câmaras dolménicas não passam de abrigos pastoris (Oliveira & Oliveira, 2000). No caso das estruturas monticulares estão também documentadas outras funcionalidades para além das funerárias e rituais (Moraza, Moro & Mujika, 2003; Moraza & Mujika, 2005).

²³ De onde se excluem as cristas quartzíticas.

²⁴ Segundo aqueles autores “o estacionamento sazonal de populações pré-históricas, no decurso do Neolítico Final ou do Calcolítico, nos domínios de altitude da Serra da Estrela, agora documentado por provas directas, poderia relacionar-se, pois, com o aproveitamento de pastagens então criadas, por corte e queimada, cuja prática ficou registada nos perfis polínicos conhecidos desde meados da década de oitenta.”

É sabido que as estruturas funerárias de superfície oferecem menores possibilidades de conhecimento dos rituais funerários quando comparadas com contextos subterrâneos, nomeadamente em grutas calcárias²⁵, desde logo, em termos da conservação de restos humanos. Tal limitação deve-se a uma maior exposição das estruturas de superfície aos factores naturais (erosivos e bióticos) ou antrópicos (intrusões), em ambos os casos com efeitos repetitivos no tempo histórico. Em contrapartida, as estruturas funerárias de superfície, pela sua multiplicidade, oferecem uma melhor aproximação ao território das comunidades pré-históricas. Daí a importância da sua busca e georeferenciação, independentemente do estado de conservação em que se encontrem.

A terminar, gostaríamos de recomendar maior atenção, em especial aos arqueólogos, para a possibilidade de existirem muitos outros *tumuli* em zonas supostamente vazias ou consideradas insuspeitas e em particular nas terras altas da Cordilheira Central²⁶. Como factores condicionantes de uma identificação eficaz refiram-se as características dos monumentos em apreço, quase imperceptíveis e muito sensíveis face às mobilizações de solo/subsolo, as condições de visibilidade do terreno, decorrentes da densidade e porte do coberto vegetal, nem sempre adequadas ao reconhecimento de pequenas volumetrias, e os efeitos destrutivos de actividades humanas, com destaque para a expansão da rede viária rural e o fomento florestal²⁷.

Fontes de informação

ALARCÃO, J. de (1988) **O Domínio Romano em Portugal**, Publicações Europa-América, Lisboa.

BATATA, C. & F. GASPAS (2000) **Arte rupestre da bacia hidrográfica do Rio Zêzere**, Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. IV (Pré-História Recente da Península Ibérica), Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, Porto, p. 575-585.

BATISTA, Álvaro & Filomena GASPAS (2007) **Dados arqueológicos inéditos a Norte do Concelho de Abrantes**, Zahara, nº 9, Ano 5, Centro de Estudos de História Local – Palha de Abrantes, Abrantes, p.75-83.

BUENO, P., R. BARROSO, R. de BALBÍN & F. CARRERA (2006) **Megalitos y Marcadores Gráficos en el Tajo Internacional: Santiago de Alcántara (Cáceres)**, edição do Ayuntamiento de Santiago de Alcántara.

BUENO, Primitiva & Rodrigo de BALBÍN (2000) **Art mégalithique et art en plein air. Approches de la définition du territoire pour les groupes producteurs de la péninsule ibérique**, L'Anthropologie, 104, Éditions scientifiques et médicales Elsevier SAS, p. 427-458.

BUENO, Primitiva & Rodrigo de BALBÍN (2003) **Una geografía cultural del arte megalítico ibérico: las supuestas áreas marginales**, Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesell. El Arte Prehistórico desde los inicios del siglo XXI, edición Rodrigo de Balbín & Primitiva Bueno Ramírez, p. 291-313.

CANINAS João Carlos & Francisco HENRIQUES (2008) **O Património Arqueológico e o Sector Florestal**, Actas das I Jornadas do Património de Belmonte, Câmara Municipal de Belmonte, p. 285-309.

²⁵ Um dos exemplos mais expressivos do potencial de conhecimento de rituais funerários do Neolítico e aspectos bio-arqueológicos pode encontrar-se no Algar do Bom Santo, uma gruta-necrópole situada na Serra de Montejunto (Alenquer) – Duarte, 1998.

²⁶ As arquitecturas funerárias sob montículo ocorrem desde o litoral do território continental até às terras mais altas do interior. Citem-se como exemplos, no Noroeste de Portugal, a mamoa da Eireira, em Viana do Castelo (Silva, 1987), um monumento com câmara e corredor indiferenciados, situado a 25 m de altitude e a cerca de 400 m de distância do mar e a necrópole de mamoas, contendo estruturas dolménicas, do Alto da Portela do Pau (Jorge, 1997), no planalto de Castro Laboreiro (Serra da Peneda), a quase 1300 m de altitude.

²⁷ Sobre o tema consultar Caninas & Henriques, 2008.

CANINAS João Carlos, Armando SABROSA, Francisco HENRIQUES, José Luis MONTEIRO, Emanuel CARVALHO, Álvaro BATISTA, Mário CHAMBINO, Fernando ROBLES HENRIQUES, Mário MONTEIRO, Alexandre CANHA, Luis CARVALHO & Adriano GERMANO (2008a) **Novos dados para o conhecimento da Pré-História Recente do Maciço Central na Beira Interior Sul. Tumuli e Gravuras Rupestres na Serra Vermelha e na Serra de Alvêlos (Oleiros – Castelo Branco)**, Actas das I Jornadas do Património de Belmonte, Câmara Municipal de Belmonte, p. 1-38.

CANINAS João Carlos, Armando SABROSA, Francisco HENRIQUES, José Luis MONTEIRO, Emanuel CARVALHO, Álvaro BATISTA, Mário CHAMBINO, Fernando ROBLES HENRIQUES, Mário MONTEIRO, Alexandre CANHA, Luis CARVALHO & Adriano GERMANO (2008b) **Tombs and Rock Carvings in the Serra Vermelha and Serra de Alvêlos (Oleiros – Castelo Branco)**, in Graphical Markers and Megalith Builders in the International Tagus, Iberian Peninsula, edited by Primitiva Bueno-Ramírez, Rosa Barroso-Bermejo & Rodrigo de Balbín-Berhmann, British Archaeological Reports, BAR International Series 1765, Oxford, England, p. 89-102.

CANINAS, João Carlos, Alexandre CANHA & Francisco HENRIQUES (2001) **Relatório sobre a Avaliação do Descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnológico do Estudo de Impacte Ambiental dos Aproveitamentos Eólicos de Safra e Coentral (Castanheira de Pera)**, elaborado EMERITA Lda, Lisboa.

CANINAS, João Carlos, Armando SABROSA, Alexandre CANHA, Fernando ROBLES HENRIQUES, Mário MONTEIRO, Mário CHAMBINO & Álvaro BATISTA (2005) **Relatório de Avaliação dos Impactes sobre o Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnológico do Projecto de Ligação Eléctrica entre o Parque Eólico de Sabugal e a Subestação de Penamacor**, elaborado por EMERITA Lda para PROCESL Lda, Lisboa.

CANINAS, João, Alexandre CANHA, Francisco HENRIQUES e Carlos BATATA (2002) **Relatório sobre a Avaliação do Descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnológico do Estudo de Impacte Ambiental dos Parques Eólicos de Aigra e Neve (Góis)** elaborado por EMERITA Lda para PROCESL Lda, Lisboa.

CANINAS, João, Francisco HENRIQUES & Mário CHAMBINO (2007a) **Relatório sobre a Situação Actual do Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnográfico na área de eventual expansão do Parque Eólico de Penamacor - Sub-Parque de Penamacor 3B Leste**, elaborado por EMERITA Lda para TECNEIRA SA, Oeiras.

CANINAS, João, Francisco HENRIQUES & Mário CHAMBINO (2007b) **Relatório sobre a Avaliação do Descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnográfico do Estudo de Impacte Ambiental do Parque Eólico de Vila Nova II (Miranda do Corvo)**, elaborado por EMERITA Lda para ProSistemas Consultores de Engenharia SA, Lisboa.

CARDOSO, J. L. & GONZALEZ, A. (2002) **Testemunhos da Ocupação Pré-Histórica da Serra da Estrela**, Almadan, 2ª série, nº 11, Centro de Arqueologia de Almada, p. 242.

CARDOSO, João Luis (2002) **Pré-História de Portugal**, Verbo, Lisboa, 456p.

CARDOSO, João Luis (2007) **Pré-História de Portugal**, Universidade Aberta, Lisboa, 572p.

CARDOSO, João Luís, João Carlos CANINAS & Francisco HENRIQUES (2003) **Investigações recentes do megalitismo funerário na região do Tejo Internacional (Idanha-a-Nova)**, O Arqueólogo Português, Museu Nacional de Arqueologia, nova série, nº 21, p. 151-207, Lisboa.

CHAVES, Carlos, João CANINAS & Francisco HENRIQUES (2007) **Relatório Preliminar sobre a Situação de Referência do Descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnográfico do Estudo de Impacte Ambiental do Projecto de Alteração do Parque Eólico da Gardunha (Oleiros e Fundão)**, elaborado por EMERITA Lda para ProSistemas Consultores de Engenharia SA, Lisboa.

CORREIA, Vírgilio H. (2002) **Circuito Arqueológico da Cola**, Roteiros da Arqueologia Portuguesa, Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa, 73p.

CRUZ, C. M. S. (2003) **Relatório sobre a Avaliação do Descritor Património Arqueológico Arquitectónico e Etnológico do Parque Eólico de Safra**, elaborado por Tabudicus Lda.

CRUZ, D. & R. VILAÇA (1999) **O Grupo de Tumuli da Senhora da Ouvida (Monteiras / Moura Morta, Castro Daire Viseu). Resultados dos Trabalhos Arqueológicos**, Estudos Pré-Históricos, 7, Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, Viseu, p. 129-161.

CRUZ, D. (1995) **Cronologia dos monumentos com tumulus do Noroeste Peninsular e da Beira Alta**, Estudos Pré-Históricos, 3, Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, Viseu, p. 81-119.

CRUZ, D., L. F. GOMES & P. S. CARVALHO (1998) **O Grupo de Tumuli da Casinha Derribada (Concelho de Viseu). Resultados Preliminares da Escavação Arqueológica dos Monumentos 3, 4 e 5**, Conimbriga, 37, Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.

DUARTE, Cidália (1998) **Necrópole neolítica do Algar do Bom Santo – contexto cronológico e espaço funerário**, Revista Portuguesa de Arqueologia, Instituto Português de Arqueologia, 1 (2), Lisboa, p. 107-118.

FERNANDES, Lúcia, Imanuel CARVALHO & Teresa JULIÃO (s/d) **Levantamento Arqueológico da Reserva Natural da Serra da Malcata**, relatório policopiado, 2 vols.

HENRIQUES, F., J. C. CANINAS & J. L. CARDOSO (1999) **Arqueologia no Alto Tejo. Balanço de 30 anos de investigação**, História, nova série, 18, p. 68-74, Lisboa.

HENRIQUES, Francisco & João Carlos CANINAS (2004) **O Megalitismo da Região de Castelo Branco na obra de Francisco Tavares de Proença Júnior e trabalhos posteriores**, catálogo da Exposição “Arqueologia: colecções de Francisco Tavares de Proença Júnior, Instituto Português de Museus / Museu de Francisco Tavares de Proença Jr, p. 28-35, Castelo Branco.

HENRIQUES, Francisco, Álvaro BATISTA, Mário CHAMBINO, Luís CARVALHO & João CANINAS (2008) **Relatório sobre a Avaliação do Descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnográfico do Estudo de Impacte Ambiental dos Parques Eólicos de Mezas, Fóios e Monte Vermelho (Sabugal)**, elaborado por EMERITA Lda para PROCESL Lda, Lisboa.

HENRIQUES, Francisco, João Carlos CANINAS & Mário CHAMBINO (1993) **Carta Arqueológica do Tejo Internacional**, vol. 3 (Idanha-a-Nova), Preservação, nº 14-16, 299p, Vila Velha de Ródão.

HENRIQUES, Francisco, João Carlos CANINAS & Mário CHAMBINO (2008) **Carta Arqueológica de Vila Velha de Ródão – uma leitura actualizada dos dados da Pré-História Recente**, in Graphical Markers and Megalith Builders in the International Tagus, Iberian Peninsula, edited by Primitiva Bueno-Ramírez, Rosa Barroso-Bermejo & Rodrigo de Balbín-Berhmann, British Archaeological Reports, BAR International Series 1765, Oxford, England, p. 79-88.

HENRIQUES, Francisco, João Carlos CANINAS, Fernando Branco CORREIA, Cassilda SANTOS & José Joaquim GARDETE (2000) **Muros-Apiários da Bacia do Médio Tejo (regiões de Castelo Branco e Cáceres)**, Ibn Maruan, 9/10, Câmara Municipal de Marvão, p. 329-363, Marvão.

HENRIQUES, Francisco, João Carlos CANINAS, Mário CHAMBINO & Álvaro BATISTA (2006) **Relatório sobre a Avaliação do Descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnológico do Estudo de Impacte Ambiental do Parque Eólico da Serra Alta (Sabugal)**, elaborado por EMERITA Lda para ProSistemas Consultores de Engenharia SA, Lisboa.

JACINTO, Maria João (2006) **A Arte Rupestre da Serra do Açor / Serra da Estrela**, Revista Era Arqueologia, 7, Edições Colibri, Lisboa.

JORGE, V. O., SILVA, E. J. L. da, BAPTISTA, A. M. & JORGE, S. O. (1997) **As mamoaas do Alto da Portela do Pau (Castro Laboreiro, Melgaço)**, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto, 130p.

KALB, P. & HOCH, M. (1979) **Escavações na necrópole de mamoaas “Fonte da Malga” – Viseu**, Portugal, Beira Alta, 38(3), Assembleia Distrital de Viseu.

LEISNER, V. & KALB, P. (1998) **Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel. Der Westen**, Deutsches Archäologisches Institut, Walter de Gruyter, Berlin, New York, 162p.

MORAZA BAREA, A. & J. A. MUJICA ALUSTIZA (2005) **Establecimientos de habitación al aire libre. Los fondos de cabana de morfología tumular: características, proceso de formación y cronología**, Veleia, 22, Vitoria.

MORAZA BAREA, A., I. MORO DEORDAL & J. A. MUJICA ALUSTIZA (2003) **Contribución al estudio de las estructuras tumulares en Arqueología: entre la similitud morfológica y la disparidad de funciones**, Veleia, 20, Vitoria.

MORENO, Humberto Baquero (2003) **Demarcações de Fronteira de Vila Velha de Ródão a Castelo Rodrigo**, vol II, Centro de Investigação e Documentação de História Medieval, Universidade Portucalense - Infante D. Henrique, 122p.

OLIVEIRA, J. de (2000) **Reflexiones sobre el conjunto megalítico de Cedillo**, El Megalitismo en Extremadura (Homenaje a Elias Diéguez Luengo), Extremadura Arqueológica, VIII, Mérida, p. 169-186.

OLIVEIRA, Jorge de & Clara Duarte OLIVEIRA (2000) **Estruturas agro-pastoris da Aldeia da Luz**, Das Pedras do Xerez às Novas Terras da Luz, Memórias d’Odiana – Estudos Arqueológicos do Alqueva, 2, EDIA, p. 253-280.

OLIVEIRA, Jorge M. Forte de (1998) **Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do rio Sever**, Edições Colibri, Lisboa, 744p.

PROENÇA JÚNIOR, F. T. de (1910) **Archeologia do Districto de Castello Branco. Contribuição para o seu estudo**, Typographia Leiriense, 25 p.

REI, José Manuel Lourenço (1996) **O Homem e a Serra da Malcata. Uma relação inscrita na paisagem**, Dissertação de Mestrado na Especialidade de Arqueologia da Paisagem e Planeamento, Universidade do Minho, Unidade de Arqueologia, Braga, 224 p.

SILVA, E. J. L. da (1987) **Mamoa da Eireira**, Informação Arqueológica, 8, Instituto Português do Património Cultural, Lisboa, p. 96.

SILVA, F. A. P. da (1997) **Contextos Funerários da Idade do Bronze nos Planaltos Centrais do Centro-Norte Litoral Português: tradição ou inovação?** II Congreso de Arqueología Peninsular, Tomo II – Neolítico, Calcolítico y Bronce, Fundación Rei Afonso Henriques, Zamora, p. 605-620.

VILAÇA, Raquel (1995) **A Idade do Bronze na Beira Baixa**, in A Idade do Bronze em Portugal – Discursos de Poder, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, p. 127-129.

VILAÇA, Raquel, Marcos OSÓRIO & Maria do Céu FERREIRA (2004) **Nem sempre o que parece, é. Um caso de etnoarqueologia na Serra Gorda (Águas Belas, Sabugal, Guarda)**, Norba – Revista de História, nº 17, p. 137-156.

VV AA (2008) **Museu do Sabugal – Coleção Arqueológica**, Pró-Raia Associação de Desenvolvimento Integrado da Raia Centro Norte & Município do Sabugal, 184p.

